

O RESGATE DA LEITURA DAS FAMÍLIAS PARA SUAS CRIANÇAS

REVIVING FAMILY READING FOR CHILDREN



CLEONE ROBERTA DE SOUZA

Graduação em Pedagogia, pela Universidade Metropolitana de Santos (2010). Pós-Graduação em Gestão Escolar com ênfase em Direito Educacional (2025). CEI Vila Calu.

RESUMO

Esse artigo pretende abordar reflexões a respeito do resgate da leitura das famílias para suas crianças. Hoje se sabe que as famílias dos pré-escolares estão vinculadas de diferentes formas à alfabetização, criando contextos que suportam seu desenvolvimento em maior ou menor grau. No entanto, esses antecedentes vêm principalmente de estudos em países desenvolvidos, com poucas pesquisas em países em desenvolvimento. O objetivo deste estudo é caracterizar as crenças e práticas de letramento e linguagem em famílias com diferentes níveis de escolaridade materna. Conhecer os fundamentos de alfabetização que diferentes famílias proporcionam a seus filhos pode permitir que as escolas ajustem suas práticas de ensino às características das famílias dos alunos, facilitando a compensação das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Alfabetização; Escolaridade; Práticas

ABSTRACT

This article presents reflections on the importance of families reading to their children. It is currently understood that the families of preschoolers are linked to early literacy in various ways, creating contexts that support development to varying degrees. However, existing evidence stems primarily from studies conducted in developed nations, with limited research available from developing countries. The aim of

this study is to characterize the literacy and language-related beliefs and practices of families with varying levels of maternal education. Understanding the literacy foundations that different families provide for their children can enable schools to tailor their teaching practices to the characteristics of students' families, thereby helping to mitigate social inequalities.

Keywords: Literacy; Schooling; Practices

INTRODUÇÃO

A partir do Paradigma da Alfabetização Emergente, a leitura se desenvolve ao longo de um continuum, onde a criança desenvolve habilidades, conhecimentos e atitudes sobre a alfabetização - habilidades emergentes de alfabetização, como consciência fonológica, vocabulário ou conhecimento de nomes de letras, entre outros - mesmo antes de receber o formalismo instrução de leitura.

Pesquisas realizadas em países desenvolvidos identificaram alguns fatores familiares que facilitariam o desenvolvimento dessas habilidades emergentes de alfabetização, como crenças e valores familiares em relação à alfabetização, práticas de alfabetização familiar e linguagem e recursos literários disponíveis em casa. Todos esses fatores variam em várias dimensões sócio demográficas, como cultura, etnia, nível socioeconômico.

Existem inúmeros escritos de pessoas de grande renome falando sobre os muitos benefícios que as histórias têm, não apenas na educação da criança, mas na vida familiar.

A maior vantagem educacional, sem dúvida, é a capacidade de uma história de transmitir valores. Talvez não o tenhamos notado conscientemente, mas se o analisarmos, a maioria dos valores mais firmemente enraizados em nossa própria personalidade veio da mão de uma história: os 3 porquinhos, por exemplo, nos incutiram a importância de trabalhar bem; a tartaruga e a lebre nos mostraram que a constância e a modéstia deram seus frutos; e o gafanhoto e a formiga nos fizeram ver que era mais lucrativo trabalhar do que ser preguiçoso.

Isso não é por acaso. Todas as histórias têm um argumento lógico que une as diferentes partes, tornando-as muito mais fáceis de lembrar. Desse modo, nossa memória armazena precisamente esse enredo porque é a cola de todos esses elementos e, portanto, a maneira mais fácil de acessar o resto dos detalhes da história. E a moral é precisamente o melhor resumo de uma história e, portanto, o que melhor retemos dela. Assim, por exemplo, pode-se esquecer detalhes do que diziam o gafanhoto e a formiga, mas não se esquece que uma vadiava enquanto a outra trabalhava para armazenar alimentos.

Mas, além de serem ferramentas educacionais e de ensino poderosas, as histórias de ninar inventadas e personalizadas nos permitem estabelecer um vínculo muito forte com as crianças. Como são inventados e originais a cada dia, quem conta deve dedicar toda a sua habilidade e atenção, mesmo que apenas para aquele momento e isso é algo que as crianças, acostumadas a ser o centro das atenções das ações, mas não dos pensamentos (muitos pais têm preocupações demais para estacioná-las por completo, mesmo que por pouco tempo) percebem com muita gratidão e entusiasmo. E ao

personalizá-los os pais se obrigam a ouvir e cuidar dos filhos, e os filhos se sentem verdadeiramente especiais. Essa grande carga emocional é outro fator importante que facilita a memorização e assimilação do que é ensinado nessas histórias.

Por fim, contar histórias sem livros ou fotos, com a sala às escuras e as crianças deitadas, como gosto de fazer, é uma ajuda muito eficaz para neutralizar a falta de atenção que muitas crianças hoje sofrem, causado por viver em um mundo com tantos estímulos visuais. Sob a penumbra do corredor, e com a presença tranquilizadora dos pais, as crianças abrem os ouvidos prontas para serem transportadas para o mundo da história e, sem perceber, estão aprendendo a focar a atenção; não só isso, mas também usando o ouvido como sentido primário, ao contrário do que terá acontecido durante o dia.

O PODER DAS HISTÓRIAS INFANTIS

A leitura é uma forma da criança descobrir um novo vocabulário, aprender a expressar suas emoções com mais facilidade ou compreender conceitos morais como o bem e o mal.

Todos esses benefícios da leitura de histórias infantis tornam imprescindível que essa atividade se torne um hábito desde a infância, meta em que os pais terão papel fundamental.

Certamente, muitos pais hoje adquiriram o hábito de ler porque quando eram jovens seu pai ou mãe compartilhou com eles a experiência da leitura.

O interesse pela leitura deve se tornar um hábito, para isso, é necessário incutir na criança o hábito da leitura, e se possível, fazê-lo constantemente, sempre no mesmo horário e no seu dia a dia, tornando-se um só mais tarefa para a qual você deve gastar algum tempo. O hábito da leitura pode ser introduzido na vida das crianças, até mesmo das muito pequenas. Atualmente, existem livros para todas as idades que permitirão aos pais despertar nos filhos o gosto pela leitura.

Hoje, os pais estão tão saturados de dever de casa que não há tempo para nossos filhos, muito menos para ler para eles uma história para dormir. Ler uma história para crianças todas as noites é mais do que uma atividade de arrulhar, pode beneficiar muito crianças e adultos. Portanto, um bom hábito que os pais devem adotar é ler uma história para os filhos desta forma, a leitura está sendo incentivada e a imaginação deles fortalecida, o que será útil para o resto da vida.

Contar histórias para crianças oferece grandes vantagens, como criar laços de afeto entre pais-avós e filhos. Ler histórias para crianças ajuda-as a desenvolver diferentes habilidades ou a tomar consciência das atividades que gostam de fazer. Com a leitura constante, os talentos das crianças vão se desenvolvendo, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimentos éticos proporcionados pelas histórias contadas.

Os contos de fadas constituem um patrimônio narrativo que atravessa séculos e culturas. Eles podem surgir da tradição oral — transmitidos por narradores que, ao longo de diferentes épocas e regiões, preservam histórias por meio da fala — ou da produção literária, quando autores conhecidos registram essas narrativas em livros. Com o passar do tempo, esses contos se expandiram para

inúmeros meios de comunicação, como o cinema, a televisão, o teatro, a animação e até mesmo os jogos digitais.

Embora o imaginário popular contemporâneo tenha sido fortemente influenciado pela estética da Disney — marcada por heroínas frágeis, príncipes idealizados e finais felizes — essa fórmula não define a essência dos contos de fadas. Essas narrativas exploram o fantástico, o mágico, o sombrio, o simbólico, o desejo humano e o maravilhoso. São histórias que tratam de questões profundas, muitas vezes relacionadas à ética, à moral e à formação emocional, sendo transmitidas de geração em geração como instrumentos de reflexão e aprendizado.

Cezzaretti (1989, p. 26) afirma que:

Os contos de fadas revelam conflitos internos e oferecem caminhos simbólicos para superá-los, restabelecendo a harmonia existencial. A clássica oposição entre bem e mal, tão presente nessas narrativas, funciona como uma forma de terapia simbólica, permitindo que sentimentos inconscientes venham à tona e que aspectos profundos da personalidade sejam trabalhados.

Assim, embora cada indivíduo possua modos de pensar e agir que são inatos, essas características podem ser moldadas pelas vivências — e os contos de fadas são uma dessas vivências simbólicas que ajudam a estruturar a compreensão do mundo.

Fromm (1962, p. 16) explica que a linguagem simbólica traduz emoções, pensamentos e experiências íntimas em imagens sensoriais, como se fossem acontecimentos concretos. Essa linguagem não segue a lógica convencional do cotidiano, mas opera por intensidade e associação. É, segundo ele, o único idioma verdadeiramente universal criado pela humanidade, compreendido por todas as culturas ao longo da história.

Dessa forma, os contos de fadas funcionam como espelhos internos: cada pessoa interpreta a narrativa de acordo com suas próprias vivências, medos, desejos e conflitos.

Franz (1981, p. 73) aprofunda essa perspectiva ao afirmar que:

O conto de fadas possui um significado psicológico essencial. Ele tenta representar um fenômeno psíquico complexo — o Self — que precisa ser mostrado em diferentes histórias e sob múltiplos aspectos. O Self é a totalidade da personalidade e o centro regulador do bem-estar emocional. Quando o Ego se harmoniza com essa totalidade, o indivíduo encontra equilíbrio.

O Ego, por sua vez, é o núcleo da consciência, funcionando como um reflexo do Self. A psique, portanto, é composta pela consciência e pelo inconsciente, e o herói das narrativas representa um modelo arquetípico de Ego alinhado ao Self — uma figura que simboliza o processo de integração interna.

Cada leitor ou ouvinte enxerga os contos de fadas de maneira singular, pois os personagens e situações evocam experiências pessoais, desafios emocionais ou conflitos que podem estar presentes na vida real.

Bettelheim (2002, p. 20) reforça que:

Enquanto diverte, o conto de fadas ajuda a criança a compreender a si mesma, contribuindo para o desenvolvimento de sua personalidade. Essas histórias oferecem significados em múltiplos níveis e enriquecem a vida infantil de maneiras tão diversas que nenhum livro poderia abarcar completamente a profundidade de suas contribuições.

Além disso, os contos de fadas preservam a memória de um mundo antigo, marcado por dificuldades extremas. Eles refletem uma época em que a sobrevivência era incerta, quando famílias lutavam para alimentar seus filhos, quando animais selvagens representavam perigo real e quando florestas densas simbolizavam o desconhecido. Essa realidade, muito mais longa que a era moderna, deixou marcas profundas na psique humana.

Os personagens dessas histórias são frequentemente definidos por suas ocupações — agricultores, lenhadores, alfaiates, pescadores, reis ou moleiros — e quase sempre vivem na pobreza. As mulheres, inclusive rainhas, morriam jovens devido às condições duras da maternidade contínua. As madrastas cruéis, tão comuns nos contos, muitas vezes eram adolescentes encarregadas de cuidar dos filhos de outras mulheres.

Nesse cenário, o desconhecido além do horizonte podia ser imaginado como mágico, perigoso ou extraordinário, e assim nasciam as narrativas fantásticas que atravessaram séculos.

OS PROCESSOS DE LEITURA

Ao se pensar no processo da leitura o educando deve buscar compreender e refletir a respeito do significado que a leitura representa para si.

De acordo com Martins (1986, p.12) “[...] ninguém ensina ninguém a ler: o aprendizado é, em última instância, solitário embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”.

O ato de ler está além da obrigatoriedade, transpassando o simples fato de saber ler, buscando o prazer em ler um livro ou um texto e aprendendo a apreciar uma leitura além do espaço escolar.

Martins (1986, p.12), afirma que “aprendemos a ler apesar dos professores; que, para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não está desamparado, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos”.

A leitura deve ser um processo de interação da criança em fase de alfabetização, como facilitadora no ensino aprendizagem.

Segundo Martins (1986, p.23), “muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educadores aprenderem a ler se resume à decoreba de signos linguísticos”.

Nota-se que nas salas de aula, muitas vezes a leitura de textos não tem significado e não fazem parte do contexto do aluno. Com uma leitura mecânica e sem emoção a aprendizagem acaba tornando-se um momento ineficiente na busca pelo entendimento do educando com o mundo letrado e é durante

esse processo que os professores precisam mudar suas estratégias em forma de ser mediador e tornar a leitura mais prazerosa e significativa, fundamentalmente na alfabetização.

Segundo Martins (1986, p.23), “uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo”.

Ao ler diferentes textos, adquirimos diversos conhecimentos que podemos usar para todas as áreas da vida. Por exemplo: alguns textos literários podem nos passar uma mensagem, mesmo que implicitamente, pois ao criar afinidade com algum personagem, compreender o contexto, o leitor passa a refletir sobre a história, e acaba por se colocar no lugar do personagem ou comparar a situação deste com alguma situação de sua própria vida, com essa reflexão o leitor ganha um conhecimento para a própria vida, pois ele pode achar uma resposta para uma situação que passava, ou passa a compreender melhor as outras pessoas, ou a se compreender melhor, entre vários outros conhecimentos que pode adquirir, apenas com a leitura sobre o cotidiano de algum personagem.

Ao ser estimulada por meio de situações prazerosas com a leitura, desperta-se na criança o desejo de saber, com isso o ato de ler provoca uma fácil adaptação no processo da alfabetização.

É fundamental escolhermos bem os primeiros livros a serem introduzidos na vida das crianças, sendo que essa escolha precisa levar em consideração a idade da criança e o contexto que se encontram, pois ao apresentar um livro espera-se que desperte na mesma o interesse em se aprofundar na leitura.

A leitura é essencial em qualquer área do conhecimento e por esse motivo deve ser sempre repensada e refletida com o intuito de ser melhorada, tornando-se prazerosa, reflexiva e significativa, tornando-se então o mais interessante possível para as crianças, criando dessa forma, o hábito de escutar e ler os mais variados textos, agindo como instrumento significativo na vida cotidiana.

Segundo Leffa (1998, p.24):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

Pode-se notar que a leitura é um meio de comunicação, no qual o leitor satisfeito recebe informações de forma significativa. Dessa forma, durante o processo de alfabetização faz-se necessário a presença da leitura realizada de forma prazerosa.

Segundo Paulo Freire (1986, p.23): “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”.

Pela citação de Paulo Freire, pode se notar que a decodificação das palavras se torna significativa a medida que o indivíduo inicia o processo de leitura, compreendendo as palavras e não só escrevendo por escrever, de forma mecânica.

De acordo com Soares (2004), apud Brilhante (2010, p.7):

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Nas escolas, durante o período de alfabetização, deve-se realizar a prática da leitura por meio de novas práticas de ensino, na qual os alunos tenham processo ensino aprendizagem significativo, que permita entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

AS HISTÓRIAS E OS CONTOS DE FADAS COMO FUNDAMENTAIS NO UNIVERSO INFANTIL

Os contos de fadas funcionam como um espaço simbólico onde emoções, lembranças e conflitos internos são projetados nas figuras dos personagens. Tanto crianças quanto adultos, ao ouvirem uma narrativa, ativam memórias de situações marcantes de suas vidas, reconhecendo nos heróis, vilões e desafios elementos que dialogam com suas próprias experiências. Por isso, essas histórias se tornam ferramentas valiosas para o trabalho psicopedagógico, permitindo identificar aspectos emocionais que podem estar interferindo no processo de aprendizagem.

Quando a criança escuta um conto, não basta apenas ouvir passivamente. É essencial que ela tenha a oportunidade de conversar sobre a história, expressar sentimentos, comentar situações e relacionar o enredo com sua própria realidade. Esse diálogo transforma a narrativa em algo significativo, ajudando a elaborar conflitos internos e a lidar com transtornos emocionais que podem estar presentes.

Bettelheim (2002, p. 74) destaca que a criança “sente” intuitivamente qual história corresponde ao seu estado emocional naquele momento — especialmente quando enfrenta algo que não consegue resolver sozinha. Ela percebe, de forma simbólica, onde o conto lhe oferece uma via para enfrentar um problema difícil.

Assim, os contos de fadas tornam-se um espelho da vida emocional da criança. Eles permitem que ela interiorize suas vivências e encontre, nas narrativas, caminhos para expressar aquilo que não consegue verbalizar diretamente. Nesse processo, a atuação do psicopedagogo é fundamental, pois ele ajuda a interpretar essas manifestações simbólicas e a integrá-las ao desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Amarilha (1997, p. 53) reforça essa ideia ao afirmar que, ao mergulhar na trama de uma narrativa, o leitor ou ouvinte entra em um “teatro interior”. Ele não apenas observa o desenrolar dos acontecimentos, mas também pode assumir o papel de um personagem, vestir sua máscara e experimentar seus dilemas. Esse movimento de projeção funciona como um jogo de espelhos, no qual o indivíduo ensaia atitudes, experimenta emoções e constrói autonomia para a vida adulta.

Dessa forma, ao ouvir uma história, a pessoa atravessa a fronteira entre o real e o imaginário, explorando sentimentos que podem estar influenciando sua vida de maneira profunda.

Os contos de fadas se passam em territórios imaginários — espaços mágicos onde tudo é possível. Neles, heróis e heroínas enfrentam desafios, perigos e perdas em um mundo que, embora lembre a realidade humana, opera segundo regras próprias. Esse deslocamento para um universo extraordinário permite que leitores e ouvintes vivenciem maravilhas, encontrem esperança e experimentem a realização de desejos que, na vida cotidiana, parecem inalcançáveis.

Os agentes que produzem esses milagres variam conforme a tradição cultural: fadas, duendes, madrastas astutas, beldames enigmáticas, animais falantes ou seres sobrenaturais. Muitas dessas figuras carregam traços históricos e simbólicos que atravessam séculos. A literatura medieval, por exemplo, transformou o rei Arthur em protagonista de narrativas que incorporam elementos típicos dos contos de fadas — objetos mágicos, provas difíceis, monstros, florestas ameaçadoras e viagens que conduzem ao desconhecido.

Essas histórias evocam violência, injustiça, perdas e má sorte, mas sempre apontam para uma promessa de superação. O final feliz, tão característico do gênero, funciona como uma luz que guia os protagonistas — e também os leitores — através das sombras. Embora existam versões trágicas, como a Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault, elas são exceções. As narrativas populares costumam transformar o desfecho, permitindo que a heroína engane o lobo ou seja salva por um novo personagem, como o pai introduzido pelos irmãos Grimm.

Ao longo de milhares de anos, os contos de fadas têm acompanhado a humanidade, contribuindo para a formação emocional, social e cognitiva das crianças. Eles ensinam, confortam, revelam conflitos e oferecem caminhos simbólicos para enfrentá-los — e é justamente por isso que permanecem tão vivos e necessários.

Quais são as características que definem um conto de fadas? Primeiro, é uma narrativa curta, às vezes, menor que uma única página, às vezes chegando a muito mais, mas o termo não se aplica mais, como antes, a um trabalho de romance. Em segundo lugar, os contos de fadas são histórias familiares, comprovadamente antigas porque foram transmitidas ao longo das gerações ou porque o ouvinte ou o leitor se impressiona com a semelhança de sua família com outra história; eles podem aparecer remendados e remendados, como um ajuste de foto com identificador.

A sabedoria acumulada do passado foi depositada neles - pelo menos, é o sentimento que um conto de fadas irradia e a reivindicação que a forma fez desde as primeiras coleções. Estudiosos de contos de fadas distinguem entre contos populares genuínos e contos literários; as primeiras são habitualmente anônimas e indecorosas, as últimas assinadas e datadas, mas a história da transmissão das histórias mostra um envolvimento inextricável e fecundo.

Mesmo quando todos os esforços eram feitos para manter os dois ramos separados, os contos de fadas insistiam em se tornar literatura.

Escutar histórias contribui de forma significativa para o processo de ensino aprendizagem e auxilia na análise realizada pelo psicopedagogo.

Segundo Kupstas (1993, p. 17):

Os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Por volta do século II a.c até o século I da era cristã, o povo celta acrescentou, a tantas histórias bem antigas, a presença forte das fadas, que seriam mulheres iluminadas capazes de prever o futuro de outra pessoa, normalmente alguém especial a quem elas protegiam. Assim, a imaginação popular dotou-as de asas, varas de condão e diminuiu o seu tamanho, mas sempre as vendo como belas e bondosas.

Uma característica definidora dos contos de fadas segue organicamente da tradição oral e popular implícita: a combinação e recombinação de tramas e personagens familiares, dispositivos e imagens. Eles podem estar ligados a um conto de fadas conhecido em particular - como Gato de Botas ou Cinderela -, mas os contos de fadas são genericamente reconhecíveis, mesmo quando a identidade exata da história em particular não é clara.

De acordo com Albino (2010, p. 4):

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVIII, foi somente no século XIX, que, relativizando, ainda que de maneira incipiente o flagrante pacto com as instituições envolvidas com a educação, ela define com a maior segurança os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores, determinando suas principais linhas de ação: histórias fantásticas, de aventuras e que retratem o cotidiano infantil.

Portanto, a literatura representa momentos históricos e contribui no processo ensino aprendizagem, além de contribuir para os aspectos emocionais e afetivos. Percebe-se isso por meio dos contos de fadas desde as eras mais antigas até os dias atuais.

Segundo Coelho (2001, p. 13):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos coma e a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

Percebe-se que de acordo com o momento histórico de cada sociedade os contos de fada transmitem algo vivenciado naquele determinado momento.

Segundo Schneider e Torossian (2009, p. 133):

O surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo. A literatura registra que são histórias transmitidas oralmente de geração a geração e que, mesmo com toda a tecnologia existente, mantêm seu espaço de destaque narrativo junto à infância. Já não se reservam apenas à função de distração ou de acalanto ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam no infante. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a Pedagogia, a Psicologia e, em especial, a psicanálise.

A partir da descoberta da infância, as histórias começaram a sofrer alguns ajustes com o objetivo de contemplar a imaginação e as necessidades das crianças. Assim, os contos começaram a ser narrados pelas amas, governantas, ou “cuidadora” de crianças, imortalizando as histórias de origem popular.

De acordo com Coelho (2001, p. 17):

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. É o enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados na tevê.

Os contos de fada mostram um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Então a intervenção do psicopedagogo em relação ao processo ensino aprendizagem, fazendo uso da leitura dos contos de fada é fundamental para analisar fatos que possam estar ocasionando algum problema na vida da criança ou até mesmo do adulto.

Segundo Bettelheim (2002, p. 34):

Os contos fornecem percepções profundas que sustentaram a humanidade através das longas vicissitudes de sua existência, uma herança que não é transmitida sob qualquer outra forma tão simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças.

Portanto, por meio da leitura dos Contos de Fadas podemos perceber as questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados, vivências e experiências que sustentaram a humanidade nos foram passadas por meio das histórias contidas nos contos numa linguagem simples que fornece sentidos em qualquer idade.

O amor vai surgindo por meio do respeito ao próximo, das atitudes altruístas e de carinho. Dessa forma, a criança vai notando que a amizade é uma conquista fundamental para seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas ajudam as crianças a trabalharem com sentimentos de angustias e frustrações. Por meio deles as crianças começam a perceber que coisas ruins podem acontecer na vida de uma pessoa e podem ser passageiros, pois sempre há uma pessoa boa, que para eles pode ser a fada, para auxiliar na resolução dos problemas, como a mãe, avó, tia ou mesmo a professora.

As Histórias e os Contos guardam a estrutura de um sonho, com deslocamento e simbolização. Dessa forma, pode-se dizer que contar e ouvir histórias estimula a capacidade de sonhar e, sobretudo, o desejo de narrar os sonhos, indícios de uma vida imaginária mais intensa.

Percebe-se que quando a criança ou até mesmo o adulto lê ou escuta uma história vivencia experiências diversas e dá início a imaginação, fazendo uma interlocução entre a história e sua vida real.

As histórias e os contos de fada contribuem com o processo ensino aprendizagem e na cultura brasileira existe uma influência muito grande.

Por meio dos contos de fada pode-se observar problemas interiores dos indivíduos, fundamentalmente, das crianças e suas atuações em qualquer sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, L. Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. Disponível em: www.littataru.com/literaturainfantil.pdf. Acesso em 2 agos.2026.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Ed. 16. 2002.
- CEZARETTI, Maria Elisa. **Nem só de fantasias vivem os contos de fadas**. Família Cristã. São Paulo, p. 24-26, maio 1989.
- COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada: Uma introdução à psicologia dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FROMM, Erich. **A linguagem esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
- SOARES, Magda. **LETRAMENTO. Um tema em três gêneros**. Autêntica: Belo Horizonte – 2004.